

As pessoas são políticas, por essência

Mesmo diante do atual contexto de apatia da população para com os representantes do poder público, ainda vigora a clássica concepção de que “o homem é um ser político”

• Leonardo Bezerra •

• leonardogomes@asces.edu.br •

Em um momento de muita descrença com o cenário político nacional, é preciso lembrar que, dificilmente, alguém conseguirá se ausentar, por completo, das discussões políticas. Isso porque as ações humanas são, em sua maioria, ações que conduzem ou interferem a realidade de famílias, grupos específicos ou, até mesmo, milhares de outras pessoas. O debate sobre assuntos comuns ao dia a dia - aqueles que se têm até mesmo na privacidade da residência -, a exemplo das deficiências do transporte público, dos sistemas de saúde ou mesmo educacionais, demonstram preocupações políticas. Neste cenário, muitas das ações individuais podem ajudar a transformar a realidade nacional.

É cada dia mais comum observar cidadãos se dando conta que política é algo muito mais complexo que governar uma cidade, um estado. Um ‘bom dia’,

um pedido de ‘licença’, uma gentileza com o vizinho, não avançar o sinal vermelho, atravessar na faixa de pedestre, coisas simples do cotidiano, são atitudes políticas, atitudes que transformam vidas.

Como a de um grupo de profissionais liberais de Recife, que resolveu instalar uma biblioteca na comunidade do Poço da Panela, no bairro de Casa Forte. O jornalista e escritor Samarone Lima, um dos responsáveis pela iniciativa, explica que o desejo partiu da própria comunidade, especialmente de um morador, conhecido como Naná, que passou a levar as crianças para a escola, em sua Kombi, gratuitamente. “Desse envolvimento com as crianças e os adolescentes da comunidade, que estudam na Escola Municipal Nilo Pereira, a palavra ‘biblioteca’ surgia espontaneamente nas conversas e a ideia de formar leitores e contar histórias foi ficando forte”, nota. Samarone

comenta que a primeira iniciativa foi alugar uma casa e começar a pedir livros para constituir seu acervo.

Em 2011, foi fundada a Biblioteca Comunitária do Poço da Panela, sem dinheiro público, sem ajuda de políticos, sem precisar ser uma Organização Não-Governamental (ONG), apenas com ajuda de voluntários e o “desejo de contribuir, de alguma forma, mesmo que mínima, para o desenvolvimento comunitário, fortalecimento de laços e abertura de um espaço de convivência”, comenta.

“Costumo dizer que somos a ‘sociedade civil desorganizada’, porque não temos nada formalizado, nem estatuto, não somos ONG, nada. Somos apenas um grupo que se uniu para fundar uma biblioteca e depois nos reagrupamos, com novos amigos, para não deixar o projeto morrer. Já nos deram dezenas de conselhos para nos transformarmos em ONG, mas não temos

estrutura nem tempo”, diz. “O Núcleo Gestor, como nos definimos, é formado por amigos da biblioteca, que se dedicam a divulgar o projeto e manter firmes as ações que estamos tocando. Todos são voluntários e gostam muito de fazer parte deste pequeno sonho, que já virou realidade”, destaca.

Seguindo o caminho da prática da cidadania, o designer e produtor cultural Leonardo Antunes, atualmente com 37 anos, se envolve em questões sociais e culturais desde a sua adolescência, quando apoiava o Movimento Sem Terra (MST), discutindo posições arbitrárias de professores. “Mas o que considero minha primeira imersão em uma mobilização social foi em um trabalho de limpeza urbana e consciência ambiental junto à comunidade da Ilha de Santa Terezinha, bairro de Santo Amaro, em Recife. Éramos jovens e bastantes ativos nas discussões urbanísticas e culturais da comunidade. Na época, coordenava junto com uma amiga o Centro Juvenil, ligado ao movimento dos Folclores. Nesta experiência, entendi as complexas relações entre o Estado, a religião e o povo, nas quais muitas vezes este é levado a descreditar no poder da luta pela melhoria de sua comunidade”, lembra Antunes.

Antunes concorda na necessidade de se juntar e agir, “incomodar o senso comum”. “Juntos somos mais fortes e, quando alteramos com criatividade o fluxo das coisas, os gestores públicos se mexem. Claro, com uso



Gerardo Lima

A Biblioteca Comunitária contribui para o desenvolvimento social, fortalecimento de laços e abertura de um espaço de convivência

de estratégias de comunicação e abertura de diálogo sempre. Sem isso, vamos sendo levados ao total isolamento e o infeliz convívio com restrições dos nossos direitos”, reflete.

George Fernandes, coordenador do curso de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru (Fafica), entende que a capacidade do cidadão tem de se mobilizar não só independente como também antecede a política partidária. Ele recorre ao exemplo do movimento **#OcupeEstelita**. “O movimento não só nasceu de forma independente, como até mesmo se contrapôs à política tradicional. Os grandes jornais do Estado até tentaram encapsulá-lo nas tradicionais categorias de análise política, sobretudo com o objetivo de enfraquecê-lo,

mas não conseguiram.

O **#OcupeEstelita** seguiu como um exemplo de movimento descentralizado, apartidário, de grande poder subversivo, porque uma prova de que, juntos, por meio da micropolítica, podemos tencionar a política tradicional”, exemplifica.

Doutor em Sociologia e professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFPE), Josias de Paula Jr. defende que, mais amplamente, a essência da política é aquela que compreende a construção coletiva do mundo, e é através da política que estabelece as grandes definições, os valores mais destacados, os marcos e fronteiras da realidade social. Ele destaca que o importante é “ter clareza que sempre existirão várias alternativas de se organizar, de estabele-



lecer instituições e leis. Enfim, sempre existirão várias possibilidades, propostas diversas de estabelecer as relações sociais. Algumas delas logo se tornam hegemônicas, dominantes, impondo-se pelo convencimento e pela força”, conclui.

Josias explica que não existe sociedade sem a política e a política não é algo separado do cidadão. Contudo, ressalta: “agirmos e praticarmos nossa cidadania sem necessitar se filiar a um partido, sem se tornar um político tradicional. Existem no Brasil diversas iniciativas que acontecem sem a ajuda da política tradicional, até mesmo de seu conhecimento. Projetos de educação, de acesso à água, de assistência, entre outros. É determinante, fundamental, reconhecer essa dimensão não estatal, não governamental, das práticas sociais”, comenta.

Neste contexto de relação do *‘Estado X população’*, Josias esclarece que a política tradicional é necessária para o desenvolvimento da população. “Em um país como o nosso, marcado por profundas carências, pobreza e mais que isso; que garante em lei o direito aos aspectos mais essenciais: a saúde, a educação e a segurança; basta não se esquecer que a imensa maioria da população tem a sua saúde nas mãos da rede pública, no atendimento de saúde disponibilizado por governos; basta não se esquecer que a imensa maioria da população também depende, para se escolarizar, das escolas providas por governantes; enfim, basta termos isso em mente



Gerardo Lima

Por trás de uma leitura compartilhada, aparentemente simples, existe uma complexa interação que pode resultar na formação cidadã e consciência crítica

para ter a certeza de que a política tradicional é fundamental para os brasileiros”, afirma.

Em contrapartida, George Fernandes alerta que a política partidária interfere em áreas que são cruciais para o desenvolvimento humano, mas não ‘essenciais’, pelo fato de existir outras formas de organização política ou distribuição do poder, que interferem ou poderiam interferir em nosso desenvolvimento. “Poderíamos perfeitamente prescindir da política tradicional, sem que isso significasse o nosso fim. Nem sempre nos organizamos dessa forma e não há motivos para acreditarmos que necessariamente deveríamos nos organizar sempre assim. Vide, por exemplo, as pesquisas do antropólogo francês Pierre

Clastres sobre algumas sociedades indígenas latino-americanas. De acordo com ele, essas sociedades não tinham Estado e não o tinham porque se recusaram a tê-lo. Eram sociedades de recusa do Estado, sociedades de recusa contra o Estado. Era uma opção, segundo Clastres, e não um sinal de ‘primitivismo’, conforme se costumava interpretar”, cita.

A ideia é a de que o Estado existe e deve existir, e o cidadão deve cobrar, reivindicar e propor a construção de uma sociedade mais justa. Para George Fernandes, a política diz respeito às pessoas não porque está encravada na essência delas, mas porque elas estão sempre se relacionando umas com as outras, logo, estão sujeitas à ação política. ■